

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E MOTOR DE CRIANÇAS DE ZERO A QUINZE MESES: UM ESTUDO DE REVISÃO

(2010)

Regina Maria Fernandes Lopes
Roberta Fernandes Lopes do Nascimento
Sabrina Gomes de Souza
Luciana Gules Mallet

Programa Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS (Brasil)

Irani I. de Lima Argimon

Coordenadora do Programa Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS)

Contacto:

regina@nucleomedicopsicologico.com.br

RESUMO

O presente artigo de revisão teórica trata do desenvolvimento cognitivo e motor da criança de zero a quinze meses. Primeiramente, será abordado sobre o recém-nascido, desde o primeiro minuto de vida, quando é feita a primeira avaliação do bebê, até o seu comportamento, reflexos e habilidades motoras. Serão enfatizados os reflexos do recém-nascido, a associação entre desenvolvimento físico e motor e os estágios do desenvolvimento infantil. Foram consultadas diversas obras, principalmente as relacionadas à psicologia da criança. É importante conhecer o desenvolvimento da criança, pois um possível problema nessa fase da vida poderá desencadear dificuldades na adolescência e adultez.

Palavras-chave: Desenvolvimento inicial, habilidades cognitivas motoras, estimulação

INTRODUÇÃO

Percebe-se um interesse cada vez maior acerca da compreensão sobre o recém-nascido, suas habilidades iniciais e o aprimoramento dessas habilidades dada a crescente constatação da importância das experiências iniciais no desenvolvimento. Sabe-se que a mãe assume um importante papel no desenvolvimento afetivo do bebê e conseqüentemente nas suas relações futuras. Nesse sentido, um estudo realizado por Thomaz et al (2005) objetivou analisar as primeiras relações afetivas entre mães de recém-nascidos a termo e pré-termo na Maternidade do Hospital da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Os resultados mostraram que todas as mães estabeleceram ligações afetivas com seus bebês, mesmo nas situações em que o recém-nascido não foi planejado, a relação das mães pré-termo mostrou-se mais difícil, evidenciando que o contato físico é importante para a formação do vínculo afetivo mãe-bebê.

Assim as relações iniciais entre o bebê e a mãe mostram-se cruciais para o desenvolvimento das primeiras relações afetivas entre a díade. Ainda um estudo realizado por Moura et al (2004), visando analisar a características das interações iniciais mãe-bebê em um contexto urbano brasileiro, uma amostra constituída por 30 díades. Os bebês tinham idade média de 29 dias. Registrou-se em vídeo as atividades da díade durante 20 minutos. Os bebês foram avaliados como ativos, participantes das trocas sociais. Esses resultados contribuem como elementos importantes para discussão da natureza dos primeiros processos interacionais.

Dessa maneira, objetiva-se descrever e apontar aspectos do desenvolvimento da criança de 0 a 15 meses, caracterizando os reflexos do recém-nascido, a associação entre desenvolvimento físico e motor e os estágios do desenvolvimento infantil.

RECÉM-NASCIDO

Aspectos Físicos

O crescimento físico e o desenvolvimento motor normais ocorrem de acordo Papalia & Olds (2000) por dois princípios:

1. Princípio Céfalocaudal, onde o desenvolvimento avança da cabeça para as partes inferiores.
2. Princípio Próximo-distal, o desenvolvimento avança do centro do corpo para as partes externas.

Assim, os bebês primeiramente desenvolvem sua capacidade de usar a proporção superior dos braços e das pernas (localizadas próximo ao centro do corpo), e depois as porções inferiores desses membros seguidos pelas mãos e pés, e finalmente, pelos dedos. Assim, pode-se elencar algumas características físicas do neonato como cor avermelhada, recoberto por uma camada de gordura, calvos ou cabeludos, crânio alongado ou assimétrico, órgão genitais proeminentes, altura média de cinquenta centímetros, peso médio de três quilos.

Avaliação com o escore de Apgar

Logo em seguida do nascimento do bebê, no primeiro minuto, é feita uma avaliação para detectar eventuais problemas que requeiram cuidados especiais. Cinco minutos após a primeira avaliação é feita uma reavaliação para ver se houve alteração no quadro inicial.

O sistema de avaliação usado mais comumente é o escore de Apgar, elaborado pela médica Virgínia Apgar em 1953. Essa escala subdivide-se em cinco subtestes: aparência (cor), pulso (frequência cardíaca), careta (irritabilidade reflexa), atividade (tônus muscular) e respiração.

Um minuto após o nascimento e novamente cinco minutos após o parto, a maioria dos bebês é avaliada usando-se a *escala de Apgar*, recebendo uma nota de zero à dez. É difícil na primeira avaliação, ele receber nota dez, pois o bebê nasce normalmente com os dedos dos pés e das mãos azulados. Nos cinco minutos posteriores, a maior parte dos recém-nascidos recebem notas de nove à dez. Nota acima de sete significa que o bebê está bem, ou seja, não corre perigo de vida. Escore de quatro e meio ou seis mostra que o bebê tem problemas na respiração normal e escore igual ou menor que três indica que ele está em condição crítica, mas pode sobreviver (Papalia & Olds, 2000).

O Comportamento

Logo após o nascimento, a criança desenvolve características bem definidas relacionadas a movimentos, que são dispersos e aparentemente incoordenados. Esses movimentos resultam de reflexos simples, aplicados em determinadas regiões do corpo. Quando se põe um objeto em contato com a boca do bebê recém-nascido, por exemplo, esse provavelmente começará a sugar, podendo haver, porém, em outras partes do corpo, muitos movimentos adicionais que nada têm a ver com a sucção. Embora a criança apresente numerosos movimentos generalizados, há, desde o início, certa especialização do comportamento Bee (1997).

Capacidades Sensoriais iniciais:

Desde muito cedo, os bebês percebem o mundo ao seu redor. O reconhecimento da competência do recém-nascido da sua pré-adaptação para iniciar o conhecimento do meio no qual está inserido, em termos físicos e sociais, evidencia o papel ativo do bebê no mundo e nas relações diádicas.

Um estudo realizado por Moura et al (2004) analisou as relações entre características de interações mãe - bebê, atividades maternas e a concepção acerca das competências dos bebês e as relações entre características destas atividades e o estado de vigília dos bebês. Participaram 30 díades mãe-bebê, considerando a percentagem de ocorrências nos intervalos, verificou-se que as atividades predominantes das mães nos períodos observados foram: olhar o bebê (99,2%) e tocar o bebê (83,4%). Estes achados sugerem a importância das atividades de olhar e tocar no processo interacional mãe-bebê.

A audição começa no útero e é aguda mesmo antes do nascimento. Os fetos respondem a sons e podem até aprender a reconhecê-los. A sensibilidade dos bebês à diferenças auditivas podem ser um indicador de habilidades cognitivas.

A visão do bebê é o sentido menos desenvolvido ao nascer. O bebê também tem capacidade de ver, mas é míope ao nascer. Ele tem reação aos estímulos luminosos e pode distinguir o rosto materno dos demais.

O olfato do bebê é rudimentar, mas atuante. Ele diferencia o cheiro da mãe dos demais, porém isso exige uma certa experiência e aprendizagem, uma vez que em bebês com dois dias de vida não é observado esse reconhecimento.

O bebê discrimina os quatro sabores básicos: salgado, doce, azedo e amargo e tem reações agradáveis em relação ao açúcar, tal preferência ajuda o bebê a adaptar-se a vida fora do útero, pois o leite materno é um tanto adocicado. Frente a um estímulo gustativo, a resposta dele é de sucção.

O bebê é muito sensível ao toque principalmente na boca, ao redor dessa e nas mãos. Ele reage a temperaturas mais quentes ou mais frias que a do seu próprio corpo e parece ter mais reação ao frio. Os primeiros sinais desse reflexo aparecem no útero após a concepção. Com trinta e duas semanas de gestação todas as partes corporais são sensíveis a esse toque e essa sensibilidade aumenta durante os primeiros cinco dias de vida (Papalia; Olds, 2000).

Reflexos

O reflexo é uma resposta automática e involuntária que é desencadeada por meio de algum

estímulo. Segundo Bee (1997), os bebês apresentam, muitos reflexos, que podem ser divididos em reflexos adaptativos e reflexos primitivos.

Os reflexos adaptativos são aqueles que auxiliam o bebê a sobreviver no mundo real. São exemplos desses reflexos os de sugar, de engolir, de busca, que é quando ele é tocado na face e vira a cabeça na direção do toque, de retraimento quanto à estímulos dolorosos e de abertura e fechamento da pupila devido à intensidade luminosa. Existem também os reflexos que foram adaptativos na história evolutiva e que persistem até hoje, como o reflexo de preensão. Esse reflexo opera da seguinte forma: quando for colocado o dedo atravessado na palma da mão do bebê, ele reflexamente irá fechar a mão fortemente ao redor do dedo. Se isso for feito em ambas as mãos, é possível levantar o bebê pelas mãos devido a força de preensão.

Os reflexos primitivos são chamados dessa forma, porque são controlados pelas partes mais primitivas do cérebro. Por volta dos seis meses, a criança perde esses reflexos e os substitui por funções cerebrais mais complexas.

Entre os reflexos primitivos estão o reflexo de moro e o de Babinsky. O reflexo de moro ocorre quando assustamos o bebê de alguma forma ou produzimos um som alto e ele arremessa os braços para frente e arqueia as costas. Já, quando estimulamos a planta dos pés de um bebê e ele estica imediatamente os dedos e depois os encolhe, chamamos esse reflexo de Babinsky.

Habilidades Motoras

As habilidades motoras dos recém-nascidos são precárias. Eles não conseguem manter a cabeça ereta, rolar, sentar ou alcançar as coisas que vêem. O primeiro desenvolvimento motor da criança é quando ela consegue ficar de bruços puxando os joelhos para cima sob o abdômen, e ficar com a pélvis erguida e a cabeça ao lado para respirar. O recém-nascido mantém sempre as pernas flexionadas. Um estudo realizado por Bonvicine et al (2004) demonstra que o controle postural estável constitui a base para a organização e execução voluntária do movimento. Este é exteriorizado através da emergência de habilidades motoras como, por exemplo, o controle da cabeça.

Foram avaliados os itens relacionados com a aquisição do controle de cabeça da avaliação *Gross Motor Function Measurement* (GMFM). Através dessa análise, observou-se uma diferença de pontuação entre o grupo das crianças pré-termo e a termo. No entanto, estes valores não foram significativos ao serem analisados estatisticamente pelo teste t de student. Por meio dos resultados obtidos neste estudo, pode-se sugerir que a prematuridade não é um fator influenciador do controle de cabeça final e que apesar de um ligeiro atraso do desenvolvimento da aquisição do controle de cabeça das crianças pré-termo, ao final dos quatro meses de idade, ambos os grupos apresentavam pontuações similares.

Um estudo realizado por Rocha e Tudella (2003), com o objetivo discutir alguns aspectos das principais teorias que embasam as transformações motoras ao longo da vida dos bebês, indica que o desenvolvimento motor normal e patológico foi, por muito tempo, interpretado dentro de uma estrutura neuromaturacional. Uma visão diferenciada pode ser verificada na perspectiva de Bernstein, considerando não somente o sistema nervoso no controle motor, mas também a contribuição dos músculos, sistema esquelético, força da gravidade e inércia. A teoria de percepção-ação também surgiu enfocando o uso da informação perceptual do ambiente para controlar os movimentos. No entanto, no início da década de 80, surgiram abordagens enfocando o uso da informação perceptual do ambiente para controlar os movimentos e também sistemas dinâmicos, a qual enfatiza a complexidade e interação de vários componentes envolvidos no desenvolvimento motor.

DESENVOLVIMENTO MOTOR

À medida que a criança se locomove, aumenta o seu campo de ação, e através das percepções visuais e táteis ela vai conhecer os objetos. Na preensão, a maturidade ocorre devido ao desenvolvimento dos músculos do ombro, braço, pulso, mão e dedos. Além desse desenvolvimento, é preciso que haja também o amadurecimento das áreas corticais, responsáveis pela integração das sensações e pela coordenação das atividades motoras.

Assim, o bebê desenvolve a percepção visual, conseguindo alcançar com maior facilidade os objetos. Quando ele conjuga o trabalho das mãos, já pode erguer-se e ficar de pé apoiado em alguma coisa (por volta dos dez meses). E o contato com os objetos e o seu condicionamento lhe permitirá o movimento de pinça.

Em um estudo realizado por Mancini et al (2002) sobre o desenvolvimento da função motora de 8 e 12 meses de idade em crianças pré-termo e a termo, com trinta e duas crianças em que 16 nascidas pré-termo representavam (grupo de risco) e 16 nascidas a termo o (grupo controle). A movimentação espontânea das crianças foi avaliada aos 8 meses e as habilidades e independência em mobilidade foram avaliadas aos 12 meses de idade. Os dados foram analisados através dos testes t de Student para grupos independentes (comparação entre grupos) e de correlação de Pearson (comparação intra grupo).

Não foi evidenciada diferença significativa na comparação de crianças nascidas a termo com as pré-termo nem aos 8 nem aos 12 meses de idade. No grupo controle, foi observada relação significativa entre movimentação aos 8 meses e habilidade de mobilidade aos 12 meses. No grupo de risco, houve relação significativa entre habilidade e independência em mobilidade aos 12 meses de idade corrigida. Na ausência de outros distúrbios e com correção da idade em pré-termos, o desenvolvimento motor pode ser semelhante ao de crianças nascidas a termo. A forma pela qual as crianças nascidas pré-termo adquirem suas habilidades funcionais parece

ocorrer de modo diferente da observada em crianças a termo.

O desenvolvimento motor das crianças é gradativo. Em pouco tempo, elas passam do engatinhar para o caminhar. Há uma maturação de todo o corpo do bebê nos primeiros quinze meses de vida.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

O desenvolvimento cognitivo é tudo aquilo que a criança vai aprender, ou seja, o conhecimento. O processo cognitivo tem início nos reflexos do recém-nascido e progride por fases, até o raciocínio lógico e formal do adulto.

Crianças de dois meses sorriem a qualquer estímulo quando a mãe ou outra pessoa conversa com ela, ou mesmo um brinquedo que lhe chame a atenção. Mas só aos três meses saberá que está sorrindo para o rosto que está bem em frente ao seu.

Com seis meses, a criança quase sempre acha tudo engraçado dando gargalhadas, já pode pegar os objetos e com isso se distrai quando a mãe se ausenta, embora fique magoado ao ver-se sozinha. Nesse período, não presta muita atenção às cores, embora já saiba distingui-las. O bebê já vê a mãe como alguém diferente dele e demonstra isso. Aos sete meses, o balbuciar do bebê, antes servindo mais para seu divertimento, passa a ser nitidamente tentativas de palavras. Porém, ainda predomina como meio de comunicação o choro e as expressões faciais. A imitação é seu forte, desse modo sintetiza milhares de informações.

Segundo Kaplan (1997), os bebês são capazes de emitir ruídos, como choro, mas não vocalizam até cerca de 8 semanas. Os sons guturais ou balbucios em resposta à mãe ocorrem espontaneamente. As vocalizações da criança para sua evolução adicional e persistência dependem do esforço parental.

Linguagem

Antes de dizerem sua primeira palavra, os bebês usam o que se pode chamar de uma fala pré-lingüística que inclui o choro, balbucios e imitação de sons. Um estudo realizado por Mendes e Moura (2004), objetivou analisar a relação entre brincadeira e linguagem no desenvolvimento inicial. Participaram 30 díades mãe-bebê, das classes baixa e média da cidade do Rio de Janeiro, com bebês de 20 meses de idade. A capacidade de produção de linguagem foi medida pelo instrumento *MacArthur* (Inventário do Desenvolvimento de Habilidades Comunicativas - BATES). Verificou-se um importante aspecto relativo à brincadeira conjunta, a brincadeira do bebê aos 20 meses, com a participação da mãe, ganha em duração e complexidade, o que parece

apontar para a influência materna no desenvolvimento dessa habilidade.

Nos primeiros dois meses, o bebê mostra respostas de susto e surpresa a sons altos ou inesperados; tenta localizar sons virando o rosto ou a cabeça, parece escutar quem fala e pode responder com um sorriso, reconhece vozes de repreensão, zanga ou amistosas. Responde quando escuta o seu nome, balbucia (repete uma série de sons) faz vocalizações para demonstrar prazer, tem choros diferentes para fome e dor (Kaplan, 1997).

Um estudo realizado por Tristão e Feitosa (2003) acerca da percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida, revela que a fala humana é um som de grande complexidade, cujo processamento perceptual, produção e relações com a linguagem e a cognição necessitam de uma análise integrada, tanto do ponto de vista do conhecimento disponível como também das especificidades metodológicas. Nesta pesquisa faz-se uma breve revisão da literatura sobre as principais aquisições e desenvolvimento da linguagem no primeiro ano de vida de bebês com desenvolvimento normal, com enfoque na percepção da fala humana. Busca-se, também, analisar a ocorrência de distúrbios auditivos que podem causar alterações na percepção da fala, com possíveis implicações para o desenvolvimento pré-lingüístico.

No segundo estágio, dos sete aos onze meses, ocorre uma preparação do estágio da linguagem, a criança mostra seletividade auditiva (controle voluntário sobre a resposta aos sons), responde ao próprio nome com vocalizações, ouve música ou canto com interesse, imita melodias de vozes próximas, utiliza jargão (sua própria linguagem), possui gestos e presta atenção à fala, sem ser distraído por sons alheios (Kaplan, 1997).

Segundo esse mesmo autor, no final do primeiro ano de vida e início do segundo, que é o estágio da palavra única, a criança mostra discriminações rudimentares em relação aos sons, compreendem as partes básicas do corpo, nomes de objetos comuns, usa palavras únicas (idade média da primeira palavra são onze meses).

A criança, aos 12 meses já compreende grande número de palavras, escuta com atenção aquilo que não compreende, usa palavras próprias no intento de se comunicar com os que rodeiam (Ferreira, 1977).

Inteligência

A inteligência surge com a linguagem. Jean Piaget descreve as diferentes fases da aquisição da inteligência. Ela inicia por uma sucessão de adaptações sensoriais e motoras elementares, constituídas por reflexos, atingindo os numerosos estágios de adaptação intencional, desde a assimilação reprodutora à invenção de novos meios, conseguida mediante recurso a combinações mentais.

Segundo Piaget (1984), durante o estágio sensório-motor o bebê responde ao mundo quase

inteiramente através dos esquemas sensório e motor; responde aos estímulos presentes; não planeja nem intenciona e não tem nenhuma representação interna de objetos, imagens mentais, ou palavras que representem objetos e possam ser manipulados mentalmente.

No estágio sensório-motor, o bebê apresenta comportamento inteligente, percebendo o ambiente e agindo sobre ele. Piaget subdivide esse estágio em uso de reflexos, reação circular primária, reação circular secundária, coordenação de esquemas secundários e reação circular terciária.

- 1) Uso de Reflexos: a criança exerce os reflexos durante o primeiro mês de vida. Depois ela coordena reflexos e reações, surgindo além dos reflexos instintivos, como por exemplo, a sucção, as primeiras tendências imitativas. Esse período tem duração do zero aos dois meses. Os reflexos motores e sensoriais inatos (sucção, preensão, acompanhamento visual) são utilizados para interagir e se acomodar com o mundo exterior.
- 2) Reação Circular Primária: a criança coordena as atividades do próprio corpo e dos cinco sentidos, como sugar o dedo, brincar com a língua. A realidade permanece subjetiva; não procura estímulos fora do ambiente; mostra curiosidade e imitação. Esse período inicia com poucas semanas de vida e vai até o quarto mês. Nessa etapa acontece a assimilação. O fato primitivo geralmente é admitido como o mais elementar da vida psíquica: a repetição. O bebê tende a repetir, quando algum comportamento tem resultado interessante. Inicia-se a organização da visualização, na qual a criança segue com os olhos os objetos que passam por ela. A fonação e a audição manifestam-se desde o nascimento. Os sons percebidos e produzidos apresentam uma organização interna. Tal como a boca, o olho e o ouvido, a mão é um dos instrumentos mais essenciais de que se vai servir a inteligência uma vez constituída. A conquista definitiva dos mecanismos de preensão marca o início das condutas complexas que caracterizam as formas de ação intencional.

Reação Circular Secundária: o bebê procura por novos estímulos no Ambiente; começa a prever as conseqüências do próprio comportamento, quanto a agir propositadamente, a fim de modificar o ambiente; início do comportamento intencional. Os movimentos centram-se num resultado produzido no meio exterior e a ação tem como objetivo manter esse resultado. A originalidade das reações circulares do presente estágio é que constituem as manifestações intelectuais mais avançadas de que a criança é capaz, depois passarão a ter uma posição cada vez mais derivada. A duração desse estágio é do quarto ao sexto mês.

- 3) Coordenação de Esquemas Secundários: esse estágio tem duração do sétimo ao décimo segundo mês. A criança mostra os sinais preliminares da constância de objeto; possui uma vaga idéia de que os objetos têm uma existência independentemente dele próprio;

imita comportamentos novos.

- 4) Reação Circular Terciária: o bebê procura novas experiências e produz novos conhecimentos. A descoberta de novos meios por experimentação ativa é utilizada pela criança para a solução de novos problemas. Ela começa a experimentar ao invés de repetir as experiências; diferencia o eu e o objeto, e esse de um ato ou ação. Há a formação de estruturas através de deslocamento de objetos, de posições e de relações causais ligadas à ação.

ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL

Para que o bebê tenha um bom desenvolvimento cognitivo e motor é necessário que ele seja estimulado. As interações pais-bebê bem como o desenvolvimento social e afetivo da criança pequena têm sido objeto de numerosos estudos nas últimas três décadas. Grande parte destes estudos teve impulso a partir do reconhecimento do potencial social inato do bebê e de seu papel ativo já nas suas primeiras interações com os pais (Brazelton, 1982). A partir de então, multiplicaram-se os estudos sobre o desenvolvimento psicológico da criança no início do ciclo vital e suas interações com o mundo adulto. Estes estudos adotaram inicialmente uma perspectiva diádica (em particular a díade mãe-bebê) e mais recentemente, passaram a considerar a tríade mãe-pai-bebê ou o grupo familiar como um todo (Fivaz-Depeursinge, 1998). Nesse sentido, os pais, desde os primeiros meses de vida do seu filho, devem provocar o bebê para que ele aprenda. Estudos comprovam que crianças que não são estimuladas, principalmente, no primeiro ano de vida, têm o seu desenvolvimento prejudicado. Em um estudo realizado por Ribas e Moura (1999) em ambiente natural, da observação de uma díade mãe-bebê em quatro momentos de desenvolvimento do bebê: 2, 10, 15 e 21 semanas. Foram identificadas, desde fases iniciais, interações como processos recíprocos de engajamento que se tornaram mais freqüentes e complexos. Dessa maneira, resultados obtidos mostraram-se convergentes com achados de pesquisas na área, ampliando-os. Foram identificadas, desde fases iniciais, interações como processos recíprocos de engajamento que se tornaram mais freqüentes e complexos. Foi possível identificar interações mãe-bebê, caracterizá-las e ilustrar a natureza diferenciada das atividades e interações dos parceiros em momentos distintos do desenvolvimento do bebê.

Crianças de três a seis meses

Para estimular o desenvolvimento da criança é aconselhável aos pais e cuidadores, auxiliarem essa etapa do bebê com alguns comportamentos específicos. Para desenvolver as capacidades sensoriais iniciais, pode-se emitir sons (simples e suaves) para que o bebê possa

imitá-los; oferecer brinquedos e objetos que produzam som; conversar com o bebê em todos os momentos em que estiver em contato com ele; repetir os sons que o bebê emitir; introduzir pequenas palavras (oi, tchau,...), repetindo em tom jocoso várias vezes para a criança; emitir ruídos diversos (chocalhos, palmas, estalos), para que o bebê vire a cabeça buscando o som; dar papéis amassados, de diferentes texturas (celofane, por exemplo), para que o bebê possa amarrotá-los ainda mais, observando o som produzido.

Para desenvolver o tato e a percepção, é importante oferecer pequenos objetos (macios, delicados) de maneira que o bebê possa segurá-los na palma de sua mão; oferecer ao bebê objetos que ele possa levar à boca; puxar os objetos devagarzinho, tentando retirá-los do bebê. Outra atividade seria oferecer o dedo para que o bebê faça o mesmo que com o objeto, dessa vez sentindo a textura da pele; tocar a pele da criança de modo suave e carinhoso. Para estimular o reconhecimento do bebê como ser único, é necessário chamá-lo pelo seu nome.

É importante ajudar o bebê na coordenação motora, desenvolvendo a postura. Com ele deitado, pode-se oferecer os dedos polegares de maneira que as mãos segurem firmemente as do bebê (embora delicadamente), para então tentar erguê-lo como se fosse colocá-lo de pé (levantá-lo); apoiando bem o bebê, colocá-lo sentado (*após cinco meses*).

Para auxiliar no desenvolvimento da percepção do bebê deve-se colocá-lo em frente ao espelho e deixar que ele se veja; fazer movimentos com seus braços e pernas de modo que ele veja sua imagem refletida no espelho; fazer contrações faciais, sorrir, falar, brincar, na presença do bebê; observar se o bebê busca recuperar o objeto perdido, caso não o faça, incentivá-lo a fazer isso; colocar uma fralda sobre o rosto da criança para que ela tente retirá-la, brincando de “esconde-esconde”; sorrir para o bebê, estimulando sorrisos também; levar o bebê a passear em diferentes ambientes, mostrando-lhe o que o cerca; jogar bola pequena para que a criança observe seus movimentos; estimular a criança a pegar a bola e jogá-la de volta para você; brincar, juntamente com o bebê, com o móvel do seu berço ou barra, chamando-lhe a atenção.

Crianças de seis aos 12 meses

Dos seis aos 12 meses continuar com todos os procedimentos iniciais, porém com certo grau cognitivo já pré-estabelecido, incentivar comportamentos com maior nível de exigência do bebê. Como dizer o nome das partes do corpo mostradas no espelho à criança, fazendo movimentos, e também repetir o mesmo em todas as situações oportunas (banho, higiene); cantar, bater palmas e dançar para as crianças, estimulando-as a fazer o mesmo; produzir sons (chocalhos, guizos) para que a criança tente segurar os objetos; procurar estabelecer uma conversação com a criança, a partir do seu balbúcio; procurar introduzir um número de palavras maior (tia, oi, tchau, sim, não, etc.) em tom jocoso, repetindo várias vezes para a criança.

Para aprimorar os movimentos, ensinar gestos significativos, tais como: mandar beijinhos, dar adeus, sim e não com a cabeça, etc.; engatinhar ao lado da criança para que ela faça o mesmo; segurar a criança de modo que ela possa segurar na barra, sustentando a; segurar a criança de maneira a apoiá-la para andar (desde que, por si própria, consiga levantar-se); incentivar a criança a buscar o objeto de seu interesse, esticando os braços, engatinhando ou de outra forma qualquer própria da criança; colocá-la para sentar com apoio; oferecer brinquedos ou objetos que possam ser empurrados pela criança; procurar retirar delicadamente um brinquedo de posse da criança para que ela ofereça resistência.

E para ajudar no desenvolvimento da percepção do bebê, deixá-lo explorar livremente o ambiente; passear com a criança em diferentes ambientes, conversando com ela.

Crianças de 12 aos 15 meses

Para um melhor desenvolvimento do bebê a ajuda dos pais é fundamental. Para o aprimoramento do desenvolvimento cognitivo e motor, os responsáveis devem estimular a criança de muitas formas. Como segurar a criança de modo firme, em pé, de maneira que ela possa andar (desde que por si própria consiga levantar-se); fazer com que a criança busque andando o objeto de seu interesse; jogar bola com a criança; oferecer um objeto à criança e depois outro, para que ela segure os dois, um em cada mão. É necessário tocar a pele da criança demonstrando carinho e estimulando-a a fazer o mesmo.

Para a percepção bater um objeto contra outro de modo a levar a criança a repetir tal movimento e observar o som; mostrar gravuras diversas e simples (de preferência *de uma figura só*: avião, trem, fruta), fazendo, se for o caso, o ruído correspondente e estimulando a criança a fazer o mesmo. E por fim, é importante chamar sempre o *nome da criança*, buscando sua atenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças têm um desenvolvimento muito rápido durante os primeiros quinze meses de vida. Quando ela nasce, é praticamente só reflexo e, poucos meses depois, já tem reações pensadas e, muitas vezes, complexas. A Psicologia do Desenvolvimento é essencial no estudo do homem. Ela é a base para entendermos o psiquismo humano. Muitas das neuroses e psicoses advêm de um desenvolvimento frágil da criança que mais tarde, vai resultar em uma não aceitação da realidade.

É importante dividir o desenvolvimento cognitivo e motor da criança em estágios, mas essa

divisão é muito relativa. Crianças, dependendo do local onde vivem da cultura onde estão inseridas terão um desenvolvimento diferente. É claro, que o desenvolvimento básico como engatinhar, falar, caminhar, em qualquer cultura vai ocorrer da mesma forma, mas de repente não se dê na mesma faixa etária. É precipitado dividir os estágios em faixas etárias, pois cada criança vai se desenvolver de acordo com a estimulação que receber.

A estimulação é fundamental no desenvolvimento de um bebê. Ele nasce com muitas habilidades inatas, mas para que essas se aprimorem, se desenvolvam é preciso que ele vivencie coisas novas, que ele seja estimulado a conhecer o mundo novo. Uma criança vai se desenvolver muito mais rápido e eficazmente se estimulada desde cedo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bee, H. (1997). *O Ciclo Vital*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T.B. (1982) Le bébé partenaire dans l'interaction. Em T.B. Brazelton, B. Cramer, L. Kreisler, R. Schapi & M. Soulé, M. (Orgs.), *La dynamique du nourrisson* (pp. 11-27). Paris: ESF.
- Ferreira, B. W. (1977). *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Sulina.
- Fivaz-Depeursinge, E. (1998). Infant's triangulation strategies: A new issue in development. *The Signal*, 6(3-4), 11-16.
- Kaplan, H. I; Sadock, B. J; Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de Psiquiatria*. 7.ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Thomaz, A. C. P; Lima, M. R. T; Tavares, C. H. F. (e cols). (2005). Relações afetivas entre mães e recém-nascidos a termo e pré-termo: variáveis sociais e perinatais. *Estudos psicológicos Natal*, vol.10, n.1, p.139-146, jan/abr.
- Moura, M. L. S; Ribas, A. F. P; Seabra, K. C; Pessoa, L. F; Ribas, R. C; Nogueira, S. E. (2004) Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia reflexão e crítica*. Porto Alegre v.17 n.3.
- Bonvicine, C; Quibáo, É. F; Asa, S. K. P; Silva, P. N; Gaetan, E. S. M. (2004). Prematuridade como possível fator influenciador do controle da cabeça. *Salusvita* 23(3):489-512.
- Mendes, D. M. L. F; Moura, M. L. S. (2004) Desenvolvimento da brincadeira e linguagem em bebês de 20 meses. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, Brasília, vol.20, no.3, p.215-222, set./dez.
- Mancini, M. C, Teixeira, S, Araújo, L G, Paixão, M. L, Magalhães, L. C. (cols). (2002) Estudo do desenvolvimento da função motora aos 8 e 12 meses de idade em crianças pré-termo e a termo. *Arquivo neuropsiquiatria*; vol.60, nº 4, p. 974-980, dez.
- Papalia, D. E; Olds, S. W. (2000) *Desenvolvimento Humano*. 7 ed, Porto Alegre: Artmed.
- Piaget, J. I. (1984) *A Imagem Mental da Criança*. Livraria Civilização, Porto.
- Ribas, A. F. P; Moura, M. L. S. (1999) Manifestações iniciais de trocas interativas mãe-bebê e suas transformações. *Estudos Psicológicos Natal* vol. 4 nº 2, jul./dez.

Rocha, N. A. C. F; Tudella, E. (2003) Teorias que embasam a aquisição das habilidades motoras do bebê. *Temas e desenvolvimento*. vol.11 nº 66, p. 5-11, jan-fev.

Tristão, R. M; Feitosa, M. A. G. (2003) Percepção da fala em bebês no primeiro ano de vida. *Estudos psicológicos Natal*, vol.8, nº3, p. 459-467, set/dez.